

**‘Promíscuo é o indivíduo que faz mais sexo que o invejoso’. Fragmento de entrevista  
com o reverendo Cristiano Valério**

*‘Promiscuous is the individual who does more sex than the envious’. Excerpt from  
interview with the reverend Cristiano Valério*

**Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão Filho**  
Doutorando, História Social-USP  
edumeinberg@gmail.com

Resumo: Nesta comunicação, identifico e analiso, ainda que brevemente por tratar-se de pesquisa em andamento, o discurso religioso da Igreja da Comunidade Metropolitana (ICM) paulistana acerca de questões que envolvem a sexualidade, corporeidade e papéis de gênero de seus membros. Para tal, temos como suporte entrevista com o reverendo Cristiano Valério, fundador e líder da Igreja da Comunidade Metropolitana de São Paulo, comunidade religiosa evangélica que tem como principal público indivíduos que se identificam como LGBTTI, ou lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais.

Palavras-chave: sexualidade; gênero; igrejas evangélicas; discurso religioso; ICM.

*Abstract: In this communication I identify and analyze, albeit briefly because it is ongoing research, the religious discourse of the Metropolitan Community Church (ICM) in Sao Paulo on issues involving sexuality, embodiment and gender roles of its members. To this end, we have to support an interview with the reverend Cristiano Valério, founder and leader of the Metropolitan Community Church of Sao Paulo, evangelical religious community whose principal audience is the individuals who identify themselves as LGBTTI, or lesbian, gay, bisexual, transgender and intersexual.*

*Keywords: sexuality; gender; evangelical churches; religious speech; ICM.*

Desde meados de 2010, tenho pesquisado sobre questões que envolvem corporeidade, identidades de gênero e sexualidade nas igrejas evangélicas contemporâneas. Através de entrevistas com fundadores, líderes e membros das *comunidades evangélicas inclusivas LGBTTI* paulistanas (que agregam indivíduos que se identificam como lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e intersexuais), tenho identificado diferentes discursos acerca destes assuntos.<sup>1</sup>

Estas entrevistas fazem parte de meu projeto de doutoramento em História – em andamento – pela Universidade de São Paulo (USP), e que têm como centro da análise o

---

<sup>1</sup> Utilizo-me da metodologia da História Oral (como entendida pelo Núcleo de História Oral e Laboratório de Estudos sobre a Intolerância) da USP, coordenado pelo meu orientador de doutorado, José Carlos Sebe Bom Meihy. As entrevistas que fiz reverberam alguns dos modos como cada um conduz suas práticas afetivas e sexuais e assumem-nas perante os demais membros da igreja.

discurso religioso de comunidades evangélicas contemporâneas acerca da afetividade e sexualidade de líderes, membros e frequentadores. Além destas igrejas, a pesquisa incide sobre *comunidades evangélicas underground*, os *ministérios de apoio a travestis e garotas de programa* e os *ministérios de reorientação sexual* (ou “reversão da homossexualidade/resgate da heterossexualidade”), todos florescentes num tempo presente e imediato e situados na cidade de São Paulo.

São discursos e problematizações distintas sobre temas como a homossexualidade e a prostituição, dentre outros. Associam-se a uma rede de tensões que envolve igrejas católica, protestantes históricas, pentecostais e neopentecostais, que nas narrativas de homossexuais evangélicos, surgem como agenciadoras e consolidadoras majoritárias da intolerância de gênero mesclada à religiosa, e supostamente responsáveis pelo afloramento e recrudescimento de traumas emocionais acompanhados por sequelas, como a internalização da homofobia, o suicídio, a automutilação e outras.

Em relação às igrejas inclusivas LGBTTI, algumas dúvidas iniciais eram: estas igrejas aceitam todo o tipo de público ou apenas gays, lésbicas, bissexuais e travestis? Como a sexualidade e afetividade do fiel é tratada? Há uma maior ou menor normatização das regras de conduta em relação às igrejas evangélicas heteronormativas? Qual o passado religioso e/ou na militância LGBT dos frequentadores? Estas igrejas incluem outros rejeitados pelas igrejas?

Como meu trabalho de mestrado em História do Tempo Presente<sup>2</sup> tangenciou questões como a normatização e a flexibilização em relação aos usos e costumes e à sexualidade do fiel da igreja neopentecostal Bola de Neve – aquela conhecida por receber surfistas, skatistas, modelos e famosos -, uma curiosidade minha situou-se em descobrir: estas igrejas seriam, a exemplo da que analisei, rígidas em relação às práticas sexuais - ou seriam mais flexíveis?<sup>3</sup>

Hoje em dia muito se discute sobre a homossexualidade nas igrejas evangélicas: de um lado, pastores homofóbicos entendem a mesma como pecado, doença e abominação, o que torna o fiel passível de discriminação, intolerância e exclusão. De outro, há igrejas que procuram acolher os homossexuais evangélicos em um senso de comunidade e pertencimento.

---

<sup>2</sup> O título de minha dissertação é ‘A grande onda vai te pegar: mercado, mídia e espetáculo da fé na Bola de Neve Church’, tendo sido apresentada em fevereiro de 2010 no PPGH da UDESC, cuja área de concentração é a História do Tempo Presente. A pesquisa recebeu, respectivamente, a orientação e co-orientação de Márcia Ramos de Oliveira e de Artur César Isaia, respectivamente.

<sup>3</sup> Em minha dissertação uso dos termos *congelado* e *derretido* para caracterizar os discursos da Bola de Neve Church sobre seu fiel: um se coaduna à ideia da rigidez doutrinária, enquanto o outro contempla certa flexibilização em relação a alguns dos usos e costumes do frequentador bolardiano, como o uso de gírias, adornos, tatuagens, *piercings*, vestimentas, etc.

Dentro destas igrejas – chamadas inclusivas LGBTTI e potentes na cidade de São Paulo, especialmente no chamado ‘triângulo rosa’, que abrange o bairro de Santa Cecília e proximidades – percebe-se uma clivagem nos discursos acerca da sexualidade. Alguns destes são mais normativos, outras mais flexíveis. É nesta última categoria que encaixa-se a narrativa do reverendo Cristiano Valério, da ICM (Igreja da Comunidade Metropolitana) de São Paulo, e que apresento neste grupo de trabalho.<sup>4</sup>

Interessa notar que a sigla aqui utilizada, *LGBTTI*, é uma dentre outras que tem como objetivo agregar indivíduos que se identificam por papéis de gênero considerados minoritários e muitas vezes ‘objetos’ de discriminação. Muitos destes indivíduos não se consideram homossexuais, como a maioria das travestis e transexuais, por exemplo. Outras siglas costumam ser utilizadas, como GLS, GLBT, LGBT, LGBTT, LGBTTT, e mais ultimamente, LGBTTIQ (agregando também os ‘questioning’, os que questionam os papéis de gênero, ou os ‘genderless’, pessoas que se identificam como ‘sem gênero’).

Através desta série de entrevistas realizadas identifiquei algo que me deixou muito sensível ao tema: afloraram nas narrativas experiências que pronunciam episódios de intolerância no ambiente religioso. A maior parte dos integrantes destas igrejas é formada por evangélicos e católicos “de berço” que sofreram discriminação, rejeição e exclusão em suas igrejas, muitas vezes internalizando a homofobia e chegando, em momentos de desespero, ao desenvolvimento de síndromes psiquiátricas, a automutilações e a tentativas de suicídio (algumas não-frustradas). Assim, o aspecto do trauma psicológico e de suas sequelas se mostrou muito marcante e potente nas narrativas destas pessoas.

Assim, a partir do interesse de se perceber questões referentes aos discursos religiosos sobre gênero e sexualidade se apresentou a chave da intolerância religiosa e de gênero, bem

---

<sup>4</sup> A Fraternidade Universal das Igrejas da Comunidade Metropolitana, ou FU-ICM, surgiu nos Estados Unidos em 1968, através do reverendo Troy Perry, ex-ministro batista, filho de mãe batista e pai pentecostal. Perry foi casado com a filha de seu pastor como forma de libertar-se de seus desejos já latentes por pessoas do mesmo sexo. Em 1962, ainda casado, resolveu aceitar e assumir sua orientação sexual, sendo excomungado da igreja pentecostal que frequentava à época. Depois de cinco anos de casamento, divorciou-se de sua esposa e em seguida, sentindo-se traído e rejeitado por Deus, tentou suicidar-se. Um ano depois, começou a compreender ser possível a associação entre o cristianismo e a homossexualidade, fundando então a ICM em Los Angeles, com 12 congregados. Segundo o sítio da igreja, hoje a denominação possui mais de 60 mil membros em 22 países ao redor do mundo, com seis unidades no Brasil. Autor de livros como ‘O Senhor é meu pastor e Ele sabe que eu sou gay’ e ‘Não tenho mais medo’, Perry discutiu os direitos da população LGBTTI com presidentes como Jimmy Carter, em 1977, e Luis Inácio Lula da Silva, em 2003 – neste caso discutindo o Programa Nacional por um Brasil Sem Homofobia. Perry é casado com Philip Ray DeBliet, do qual é companheiro há mais de 20 anos. Desde 2005 as ICMs são moderadas por uma mulher, a reverenda Nancy Wilson, que visitou o Brasil em 2006. Fonte: História da ICM. Disponível em: [www.icmsp.org/novoportal/index.php/historia-da-icm.html](http://www.icmsp.org/novoportal/index.php/historia-da-icm.html). Acesso em: 12 de novembro de 2010.

como a da inclusão como tentativa de superação.

A entrevista com o reverendo Cristiano Valério permitiu identificar estes assuntos. Entretanto, para esta comunicação, escolho apresentar fragemento da entrevista com o mesmo acerca do posicionamento da igreja acerca de questões de identidade de gênero e de sexualidade. Por tratar-se de pesquisa em andamento, certamente a análise ganhará fôlego a partir das leituras, conversas e questionamentos que ainda se fafrão necessários.

A ICM paulistana tem como líder o reverendo Cristiano Valério, fundador da mesma em 2006. Vindo de berço católico e evangélico, narrou sempre ter gostado do envolvimento com as coisas da igreja, tendo sido líder de jovens e professor de escola dominical da Igreja Batista de Cruzeiro, cidade do interior de São Paulo, onde nasceu. Foi professor de Escola Bíblica na Batista de São José dos Campos ao mesmo tempo em que fazia o Seminário Teológico e o bacharelado em Psicologia. No Seminário, seu trabalho de conclusão de curso foi sobre as CEBs (Comunidades Eclesiais de Base) no Brasil, pesquisando os grandes pensadores da Teologia da Libertação na América Latina. Se a entrevista com Cristiano tivesse um nome, este seria abstraído de expressão utilizada por ele: ‘Promíscuo é o indivíduo que faz mais sexo que o invejoso’. Sobre promiscuidade, ele respondeu:

Dia destes alguém me ligou e perguntou: “Reverendo, gostaria de saber se vocês aceitam um membro que é promíscuo”, e eu respondi que sim, que promiscuidade é algo subjetivo, que para mim este era um termo usado muitas vezes para desqualificar e diminuir alguns indivíduos. Em seguida respondi que costumo classificar o promíscuo assim: é o indivíduo que faz mais sexo que o invejoso, e inveja é pecado.

Prá gente sexo é uma benção de Deus maravilhosa, e deve ser feito sem moderação. Mas deve ser feito com todo o cuidado, respeito e responsabilidade. E esta é a diferença da ICM para a maioria das igrejas tradicionais, inclusive as demais igrejas inclusivas. As demais igrejas inclusivas reproduzem o mesmo discurso das igrejas pentecostais. A diferença delas é acolher o público LGBT, mas questões como castidade tem atenção como nas demais pentecostais. Muda-se o estereótipo mas os princípios e fundamentos são os mesmos. E a relação de poder é bem presente, pois há a disciplinarização. Transou antes do casamento, ‘fica de banco’. Reproduz também algo frequente nas igrejas evangélicas: não importa tanto o que você fez, mas se os outros souberam o que você fez.

O problema das igrejas não é o pecado, pois todos pecam, mas sim a hipocrisia, nos posicionar como superiores aos outros. E a preguiça e acomodamento: devemos procurar melhorar um pouquinho a cada dia. Todos pecaram e estão destituídos da glória de Deus. Nada me habilita a julgar os outros. Mas os cristãos reproduzem o discurso codificado e acham que muitas de suas normas estão na Bíblia, e não estão.

Cristiano retoma a palavra e complementa:

Outro termo que procuramos desconstruir é o da *libertação*. Eu costumo dizer que libertação não é troca de algemas. Outro dia me chegou um rapaz dando um testemunho dizendo “eu bebia, eu fumava, eu transava, eu ia no baile, eu dançava, eu jogava bola”, e continuava, “agora tou na igreja, Jesus me libertou, e a tou me dedicando totalmente à obra da igreja, eu evangelizo constantemente (o que quer dizer que ele irrita todos os seus colegas, se considera melhor que os outros e sua vida é fazer proselitismo).” Isto prá mim é troca de algemas. Isto não é ser liberto.

Sobre a normatização das relações pela ICM, assim sinaliza Cristiano:

As pessoas vem com suas características pessoais, religiosas e culturais, impressas pelas expectativas sociais. Assim, quando você é solteiro se pergunta ‘e aí, quando vai namorar?’, quando tá namorando ‘quando vai noivar’, depois ‘e aí, já casou?’, em seguida, ‘e o primeiro filho, quando vem?’, depois ‘então, mas vai parar só neste?’. Aí os filhos crescem e perguntam ‘e aí, seu filho já tá namorando?’. É uma eterna cobrança.

Não conseguimos responder à estas expectativas. Aqui na ICM nós não temos nenhuma norma de conduta em relação a estas coisas. O máximo que temos são conselhos amorosos, ‘conselhos Becel’, aquela coisa ‘do coração’. Quando atendemos o casal no gabinete pastoral falamos ‘queridos, parabéns! Aproveitem, esta é uma fase gostosa de se conhecer e namorar, blá, blá blá, mas usem com total responsabilidade esta liberdade que vocês tem, que Deus abençoe’; e no final a gente enche a mão dos dois de preservativos. Se for um casal hetero, também. Fazemos uma oração, damos um beijo e o casal vai embora, muito feliz.

Nós nunca fazemos intervenções que não foram solicitadas. O relacionamento entre duas pessoas é sempre íntimo, é um contrato que se estabelecem entre as duas. Elas são pessoas únicas e especiais e tem a liberdade de se conhecerem e fazerem desta relação única e especial, e não precisam corresponder a expectativas de modelo social algum. As pessoas tem a liberdade de construir isto sozinho.<sup>5</sup>

Como identifica-se, a igreja tem uma postura alternativa em relação à maioria das igrejas evangélicas, inclusive de boa parte das que identificam-se como inclusivas LGBTTI. Boa parte das comunidades evangélicas inclusivas LGBTTI traz uma notável normatização da sexualidade e afetividade dos crentes: direcionam-se ao público LGBTTI e procuram regular a sexualidade do mesmo a partir de categorias tradicionais como o casamento entre ‘irmãos’ promovido pelo sacerdote oficial - ou como queria Pierre Bourdieu, a ‘voz autorizada’ (ou como ainda entendo, sacralizada) -, precedido pelo namoro ‘santo’, ou seja, com a anuência

<sup>5</sup> Fragmento de uma das entrevistas realizadas com o reverendo Cristiano Valério. Realizada por mim em 22 de julho de 2010.

do pastor e a abstinência de sexo pré-nupcial. Na ICM, encoraja-se a relação sexual antes da bênção matrimonial ou casamento como tática de percepção do grau de satisfação que o casal encontrará depois. Há assim uma flexibilização em relação a sexualidade e afetividade do fiel, ao contrário do que ocorre na maioria das igrejas heteronormativas e homonormativas.

Em comum às demais igrejas evangélicas, boa parte das comunidades evangélicas inclusivas LGBTTI traz uma notável normatização da sexualidade e afetividade dos crentes: direcionam-se ao público LGBTTI e procuram regular a sexualidade do mesmo a partir de categorias tradicionais como o casamento entre ‘irmãos’ promovido pelo sacerdote oficial - ou como queria Pierre Bourdieu, a ‘voz autorizada’ (ou como ainda entendo, sacralizada) -, precedido pelo namoro ‘santo’, ou seja, com a anuência do pastor e a abstinência de sexo pré-nupcial.

Uma destas exceções, como as narrativas mostraram, está na ICM, onde a sexualidade é medida de modo mais alternativo: o crente deve, preferencialmente, fazer sexo antes do casamento, já que a vida sexual ativa, prazerosa e saudável seria condição *sine qua non* para o sucesso no casório.

Para concluir, gostaria de contemplar que através deste trabalho, que se iniciou em meados de julho de 2010 e se encontra em andamento, identifiquei algo que me deixou sensível ao tema: a maior parte dos integrantes destas igrejas é formada por protestantes históricos, pentecostais e católicos “de berço” que sofreram discriminação, rejeição e exclusão por parte de suas antigas igrejas, muitas vezes internalizando a homofobia e chegando, em alguns casos e em momentos de desespero, ao desenvolvimento de síndromes psiquiátricas, a automutilações e a tentativas de suicídio. Aqui, tangencio o aspecto do trauma psicológico e de suas seqüelas, e também da possibilidade de superação através da fé religiosa - em alguns casos através da inserção em uma comunidade evangélica inclusiva LGBTTI. Entendo que a história oral possa funcionar como ferramenta de empoderamento da voz de indivíduos e grupos que de alguma forma são excluídos pela sociedade. Quiçá o estudo das religiões, amparada pela metodologia da história oral, possa ser instrumento de exercício da tolerância, e mais que isto, do respeito, da escuta do próximo e do aprendizado com o diferente. De toda a maneira, esta discussão fica lançada como semente, esperando pelo florescimento em artigo posterior.